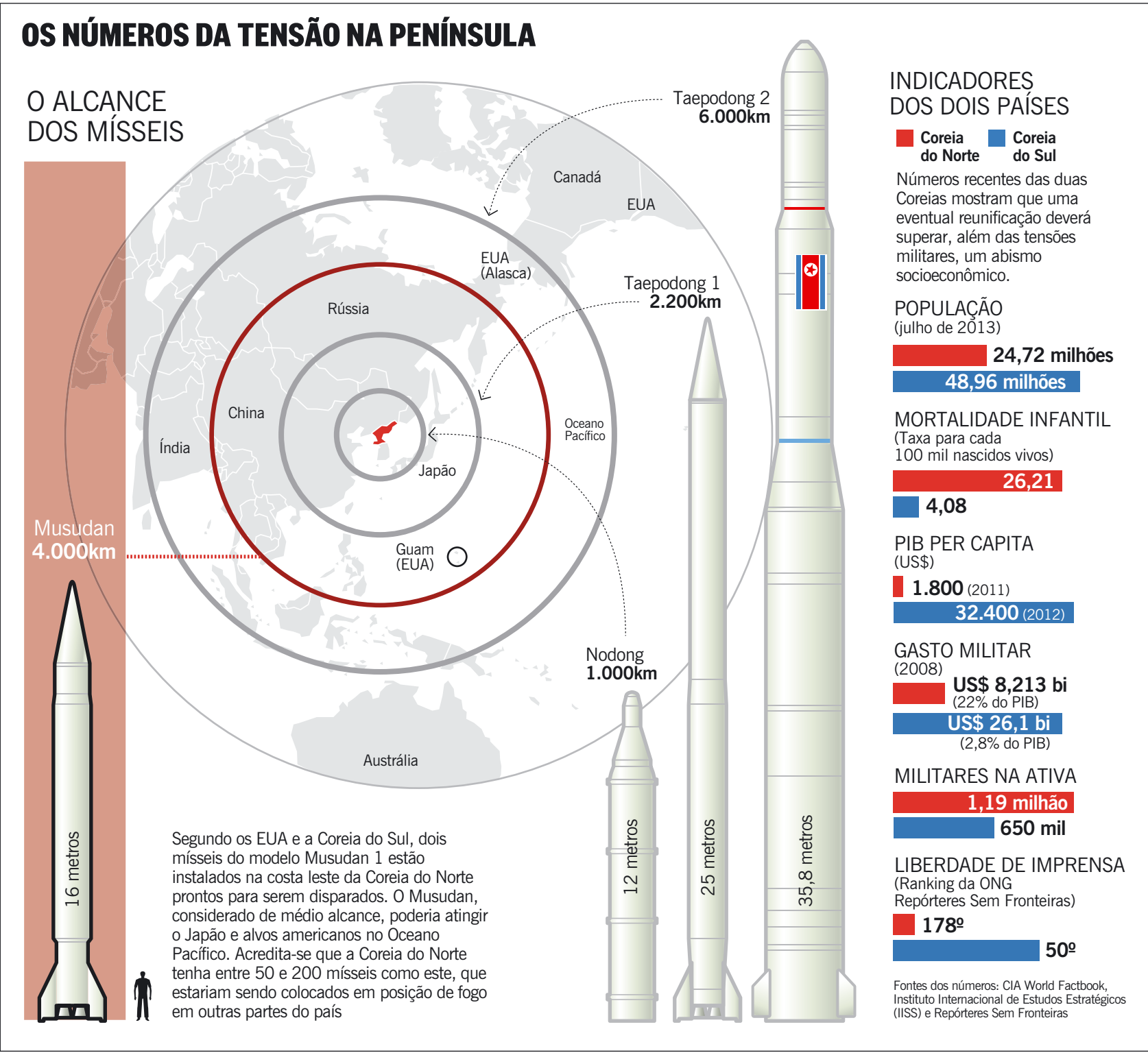


Kerry reforça pressão para que China contenha Coreia do Norte

Americano chega hoje a Pequim; em Seul, minimizou vazamento do Pentágono



-SEUL E WASHINGTON- A conduta recente dos Estados Unidos diante da Coreia do Norte costuma ser chamada de “paciência estratégica”; ou seja, isolar o regime comunista cada vez mais e não fazer concessões — como envio de ajuda e abertura para o diálogo — diante de provocações retóricas como as vistas nas últimas semanas. Mas a tal “paciência estratégica” americana parece contar também com a possível — e crescente, segundo analistas — impaciência da China, a maior aliada da Coreia do Norte, com a instabilidade regional provocada pelas declarações belicistas do ditador Kim Jong-un. O secretário de Estado dos EUA, John Kerry, chega hoje a Pequim para se reunir com o ministro das Relações Exteriores chinês, Wang Yi, depois de ter deixado claro ontem, durante visita a Seul, que conta com a China para conter as ambições de Pyongyang. Segundo Kerry, a Coreia do Norte “não será aceita como um poder nuclear”.

— Eu, obviamente, abordarei esse assunto na China. E acho que está claro que nenhum país tem um relacionamento tão próximo ou um impacto tão grande na Coreia do Norte como a China — disse Kerry. — Sei que eles (os chineses) levam isso a sério. Mas, se a sua política é a desnuclearização, é preciso mostrar os dentes.

Em Seul, o secretário americano encontrou-se com a presidente da Coreia do Sul, Park Geun-hye, e com líderes dos quase 30 mil militares dos EUA que servem no país asiático. Diante deles, Kerry reafirmou o compromisso de Washington com a defesa de seus aliados e declarou que a Coreia do Norte estaria cometendo “um grande erro” ao testar um míssil:

— (Kim Jong-un) precisa entender, e acho que ele provavelmente entende, qual seria o resultado de um conflito.

O secretário também tentou minimizar a informação de que a Coreia do Norte estaria próxima de produzir uma ogiva nuclear pequena o suficiente para ser instalada num míssil balístico. O dado faz parte de um relatório do Pentágono e foi vazado anteontem por um deputado americano durante audiência na Câmara.

— Obviamente, eles conduziram um teste nuclear (em fevereiro), então há algum dispositivo. Isso é diferente de miniaturização e de atingir um alvo — ponderou Kerry.

Em Washington, o porta-voz da Casa Branca, Jay Carney, agiu no mesmo sentido:

— Quero deixar claro que a Coreia do Norte não demonstrou capacidade de colocar um míssil nuclear em condições de combate.

Kerry disse também em Seul que os EUA querem retomar as conversas sobre a desnuclearização da Coreia do Norte, mas não da forma veemente como fez em 2011, quando liderava a Comissão de Relações Exteriores do Senado americano. Então, ele se mostrou contra a doutrina da “paciência estratégica” e pediu conversas bilaterais imediatas entre EUA e



Aliança. A presidente sul-coreana, Park Geun-hye, com o secretário de Estado americano, John Kerry, em Seul

Coreia do Norte, abrindo mão inclusive da agora cortejada participação chinesa.

— Precisamos passar do ponto de que conversar com a Coreia do Norte é ‘recompensar um mau comportamento.’ — disse Kerry então. — Não podemos nos dar ao luxo de ceder a iniciativa à Coreia do Norte e à China porque os interesses de ambos não coincidem inteiramente com os nossos.

VAZAMENTO SURPREENDEU MILITARES

O regime comunista, por sua vez, voltou a deixar claro que não abrirá mão de sua retórica.

“Foram os EUA e seus seguidores os responsáveis por levar a situação na Península Coreana a este tom extremo. Nossa paciência tem limite. Uma paz durável pode ser atingida apenas por meio de uma guerra sagrada”, dizia ontem a imprensa estatal norte-coreana.

A passagem de Kerry pela Ásia coincide com os preparativos na Coreia do Norte para o aniversário do avô de Kim Jong-un e fundador do país, Kim Il-Sung, que completaria 101 anos no dia 15 se estivesse vivo. É comum que o regime aproveite essas ocasiões para testar mísseis.

Apesar das tentativas do governo americano de pôr panos quentes, a revelação da informação do Pentágono sobre uma possível evolu-

ção no programa de armas nucleares norte-coreano continuou dando o que falar ontem em Washington. Segundo militares ouvidos pela CNN sob condição de anonimato, a exposição da informação pelo deputado Doug Lamborn pegou muita gente de surpresa e, provavelmente, ocorreu devido a um erro na classificação de confidencialidade do relatório da Defesa americana.

— Muitos de nós aqui no Pentágono ficamos chocados quando ouvimos aquela avaliação lida em voz alta numa audiência aberta ao público — disse um militar à CNN.

A dúvida agora é como esse suposto erro aconteceu. Segundo uma fonte da emissora, é normal que trechos de um mesmo documento secreto do governo americano recebam classificações diferentes de acordo com a informação a ser preservada, mas é incomum que apenas uma frase seja liberada para o público — ainda mais se essa frase for justamente a avaliação trazida por um relatório, como foi o caso do trecho lido pelo deputado. A decisão de tornar disponível esse tipo de informação costuma ser tomada pelo chefe da agência que publicou o documento (no caso, a Agência de Inteligência de Defesa), ou por alguém com mais poder, como o diretor de inteligência nacional. ●

Casa Branca divulga lista de russos vetados nos EUA

Alvos são acusados de violar direitos humanos; Moscou afirma que ação ‘terá resposta’

-WASHINGTON- A divulgação de uma lista de violadores de direitos humanos ontem com nomes de 18 russos, entre eles autoridades do governo, proibidos de entrar e manter operações financeiras nos Estados Unidos, causou tensão na relação entre os dois países — entretanto, acredita-se que altas autoridades de Moscou que também foram investigadas ficaram de fora. No total, a lista contém cerca de 20 nomes e inclui também dois chechenos.

A lista é uma resposta do governo americano à morte, dentro da prisão, do advogado russo Sergei Magnitsky, que acusou autoridades russas de roubar US\$ 230 milhões do governo com falsas deduções de impostos. Washington justifica a lista afirmando que os direitos humanos de Magnitsky e outras pessoas foram violados por essas autoridades.

Moscou, entretanto, afirmou que a divulgação da lista causaria um retrocesso nas relações entre os dois países, que têm em sua ampla agenda bilateral a redução de seus arsenais nucleares e a construção de um escudo antimísseis americano na Europa Oriental. Recentemente, os EUA sinalizaram uma mudança nessa estratégia, o que poderia agradar aos russos, que se opõem à medida, e aliviar as tensões com a divulgação da lista.

RUSSOS VÃO CRIAR LISTA PRÓPRIA

Moscou também sinalizou que responderia à divulgação dos nomes criando sua própria lista com nomes americanos. Em outra medida de retaliação, no ano passado o Kremlin proibiu americanos de adotarem crianças russas após o Congresso aprovar a Lei Magnitsky, que levou à criação da lista.

A divulgação dos nomes, ocorrida no penúltimo dia do prazo estipulado pela lei, ocorreu em meio às conversas sobre o escudo antimísil na Europa Oriental e às vésperas da chegada a Moscou de Tom Donilon, principal autoridade da Casa Branca em segurança nacional. Na segunda-feira, ele desembarca na Rússia para as negociações. Mesmo com a visita, a divulgação da lista foi questionada.

— Nós vamos responder a isso, e o lado americano sabe — disse Serguei Lavrov, chanceler da Rússia.

Já para defensores de direitos humanos, a Casa Branca foi tímida, e poderia ter expandido as penas e os nomes dos envolvidos nas violações. ●

Napolitano deixa solução da crise política a sucessor

Presidente da Itália desiste de encaminhar propostas de comissão de notáveis

-ROMA- Uma comissão de notáveis formada pelo presidente italiano, Giorgio Napolitano, a fim de desenvolver um pacote de reformas para as crises econômica e política do país apresentou ontem suas sugestões. De volta, recebeu um comentário surpreendente:

— As decisões dependem agora das forças políticas, e cabe ao meu sucessor tirar conclusões — disse Napolitano, cujo mandato acaba em maio.

Essa é a primeira vez em que ele abdicou de tentar resolver a crise institucional do país, sem governo desde que as eleições parlamentares de fevereiro não deram a maioria necessária para a eleição de um primeiro-ministro.

O partido com mais votos, de Luigi Bersani, tentou aliança com o terceiro mais votado, de Beppe Grillo, mas apenas o do ex-premier Silvio Berlusconi quis formar maioria com o líder do Partido Democrático. Agora, Bersani quer formar um governo de minoria que seja tolerado pelos partidos rivais. Grillo, do Movimento Cinco Estrelas, disse que não cumpratará com partidos tradicionais.

O futuro presidente da Itália terá duas possibilidades: tentar formar, como Napolitano, um governo de coalizão no Parlamento, ou convocar novas eleições, o que o atual presidente não pode fazer por estar no fim do mandato. Pesquisa do instituto SWG divulgada ontem indica que Berlusconi ganharia do Partido Democrático por uma diferença de três pontos, com 33,4% dos votos.

As recomendações do grupo de dez notáveis são: simplificação tributária, ajuda a famílias afetadas pela crise, aumento de crédito para pequenos negócios, manutenção da austeridade fiscal exigida pelos parceiros europeus e uma nova lei eleitoral. ●